

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEBER, S. P. **O Zaratustra de Nietzsche**. Rio Janeiro: Record, 1991.

HUESMAN, Denis. **História do existencialismo**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**. 6 ed. São Paulo: Paulus, 1983.

NIETZSCHE, Frederico. **O Anticristo**: ensaio de uma crítica do cristianismo. Lisboa, 1994. (Coleção Filosofia e Ensaio).

REALE, Geoconni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. 4 ed. São Paulo: Paulus, 1991. Vol. 3. (Coleção Filosofia).

ROVIGH, Sofia Vanni. **História da Filosofia contemporânea**: São Paulo: Loyola, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TURCKE, Christoph. **O Logo**: Nietzsche e a mania da razão. São Paulo: Vozes, 1993.

VICENTE, José João. **Jornal de Tocantins**, Tocantins, 2005.

Revisado por

## CONCLUSÃO

Depois de analisar o critério de Nietzsche ao cristianismo, pude concluir que, do ponto de vista religioso, Nietzsche se considera um filósofo corajoso e realista, ao mexer nas raízes do cristianismo, onde ele declara guerra. Nietzsche critica a forma que o cristianismo manipula as pessoas, faz com que elas fiquem à adesão de sua profecia, acredita que sua salvação é eterna, neutraliza o pensamento intelectual do indivíduo, como se os cristãos tivessem de viver de recompensa para alcançar o mundo eterno, e que tudo aqui na Terra não tivesse sentido.

Pelo contrário, Nietzsche fala que devemos valorizar a Terra, com isso nossa vida passa a ter sentido, e não acreditar nas coisas sobrenaturais. O cristianismo transmite uma ideologia falsa para a humanidade, causa uma adesão a nossa existência, faz dela uma neutralização dos nossos deveres próprios, onde esse Deus é de cópia e imitação.

Nietzsche não queria representar ninguém, ele só queria acordar uma humanidade que encontrava-se adormecida pelas falsas ideologias cristãs, mostra que o homem nobre vive em declínio, entre o bem e o mal.

Mas seu objetivo era mostrar para os indivíduos que o cristianismo só comete erros, principalmente com a nossa existência, que está sendo desfigurada pelo cristianismo. Nietzsche é contra todas as religiões, mas o cristianismo, segundo ele, é a pior de todas. Para Nietzsche o valor humano está no simples bailar da vida, faz desse bailar um sentido para nossa existência aqui na Terra.

Nietzsche foi original e positivo em suas palavras quando afirmou que nós somos livres em nossos atos, só devemos suportá-los. Nietzsche com suas experiências de teólogo, pôde ver de perto os erros que eram cometidos pelos teólogos. Quando Nietzsche anunciou a morte de Deus, foi uma revolução para os cristãos. Como ele podia falar que Deus estava morto, se teólogos pregavam sua vida eterna para os cristãos? Nietzsche desorganizou suas ideologias, mostrou que tudo não passava de falsos ensinamentos e quando os indivíduos foram percebendo a realidade que Nietzsche estava falando, foi se perdendo os fiéis cristãos. Com isso o cristianismo encontrou-se estagnado.

existe os filósofos com espírito livre, e sentem-se iluminados por uma vida livre. Para os teólogos, Nietzsche foi louco em falar que o velho Deus estava morto.

"Impõe-se-lhe dizer a verdade sobre esta inverdade, compreender o procedimento auto-enganador do intelecto, procurar os motivos para busca de motivos tão suspeitosamente aferrada a certeza". (TURCKE, 1993, p. 65).

religiosa, que induz os indivíduos, inventa normas desenfreadas, com uma aparência de um Deus natural. Mas esse Deus, e todos os outros deuses são uma obra louca do homem, que vem de fraqueza, onde as coisas mais importantes para eles são o outro mundo, porque eles sentem-se cansados desse mundo real e acham que suas forças estão no mundo sobrenatural, torna um mundo desumano que não leva a nada. Abandona todo o corpo e a terra, eles também tentam contagiar o universo de suas fraquezas doentias, da mediocridade do seu poder enganoso, que vem principalmente da religião cristã.

Nietzsche (2002) diz que o homem virtuoso, que é capaz de enxergar o seu mundo real, sua própria existência e que nós somos corpo e nada mais, esse é o super-homem, livre em suas ações, em seu pensamento, pode mostrar a sua própria identidade do ser livre, perante a si e também para a humanidade. Assim o homem fica livre do peso insuportável que colocou sobre seus ombros, que vem de sua covardia, do medo, inventado pela religião da moral causa uma negação da vida e também de sua beleza interior. Devemos ser autênticos no modo de pensar, autônomos de nós mesmos, donos absolutos de nossos atos. O homem forte rejeita tudo que vem acompanhado de vantagem social e de toda uma organização de ilusões religiosas, deixa ser dominado pela mediocridade e pelos costumes. O homem forte supera a si mesmo e também as adversidades do mundo espiritual, pode desvincular seu pensamento da medíocre religião cristã.

“A suprema e única norma ética do homem forte é o triunfo da própria personalidade, do próprio eu”. (MONDIN, 1983, p. 77).

Nietzsche (2002) afirma que o homem forte é considerado supremo, porque venceu a si próprio, e todo o limite que infringe uma norma. Mas devemos afirmar nossa vontade sem nenhum escrúpulo, e não deixar ser levado pela compaixão. O ser que deixa ser dominado pela compaixão, ele é medíocre, fraco, pobre de espírito, decadente em seus atos, age pelo domínio de outro, que é também um doente que desagrega a si, e outros que o cercam.

Segundo Nietzsche (2002) o super-homem não precisa tornar-se um Deus. Com isso ele é considerado um louco por não viver essa façanha, de um Deus dominador. O super-homem foi declínio para a humanidade, havendo um eclipse solar, pois o homem espiritual fez com que a Terra ficasse ensombrada, porém,

homem que acredita na vida. Ele precisa está preparado para viver, e não para morrer. Em quanto houver altos e baixos, é preciso só seguir sua queda ainda que esteja subindo. Um conhecimento da moral cristã, essa que escravizou nossa existência, o homem nobre não tem medo de viver, mesmo que a vida apresente obstáculos, ou seja, nós devemos adorar nossa vida mesmo que ela seja dolorosa, pois virtuoso é aquele que não tem medo de seu existencialismo aqui na Terra. Nós devemos valorizar o Deus da vida, não o Deus de piedade, neutralidade, negação da vida.

Nietzsche (2002) é considerado um filósofo da tragédia por criticar um Deus piedoso. Mas ele não se intimidou ao dizer que a humanidade estava sendo contaminada por uma moral cristã doentia. E sua filosofia considerada de tragédia para os cristãos, para ele é uma filosofia de alegria, pois não deixa seus olhos serem tampados perante uma falsa ideologia cristã. Assim, todos deveriam ver a vida de forma natural e poder compreender o sentido de viver. Não viver para o eterno, mas saber o ciclo natural da morte. Já o cristianismo vê a morte como forma de pagamento pela salvação, um conhecimento de um Deus fantasma que ninguém conhece. Essa razão merece um grande desprezo, em vez de tranquilizar a humanidade, ela faz uma domesticação dos seres, destrói as bases dos valores vitais.

A base do pensamento filosófico de Nietzsche (2002) é o conceito da realidade como explosão de forças desordenadas, "como um monstro de forças sem princípio e sem fim", como um desprender-se exuberante de beleza, de poder, de ódio, de amor, de alegria e de dor, sem nenhuma lei, sem nenhum controle.

Diante do espetáculo de tão estrepitosa explosão de forças que não pode ser contida por nenhuma lei da razão, o homem pode assumir três atitudes e adotar três estilos de vida: de fraqueza, de força, de inocência. A primeira atitude é a do homem medíocre (gregário), a segunda, a do homem forte, a terceira, a do espírito livre. Nietzsche representa o medo de vida do homem medíocre com a imagem do camelo, o do homem forte, com a imagem do leão, e o do espírito livre, com a imagem do menino. (MONDIN, 1983, p. 76).

Para Nietzsche (2002), o homem não pode deixar o medo dominar sua vida, porque o homem medíocre é uma força desordenada que oprime uma humanidade, o homem fraco, medíocre usa suas armas externas para defender sua falsa moral

o real e falso. Se estamos em declínio com esses dois casos, podemos analisar cada um com um espírito racional que cabe ao homem virtuoso. O falso não leva ninguém a uma realidade, mas procura enganar o indivíduo para um mundo do sobrenatural, onde o engano distorce sua capacidade de ver as coisas como elas são. Há pessoas que vivem ainda inconscientes de sua existência, deixa o ciclo natural de sua existência aqui na Terra para viver uma existência sobrenatural, que passa a ser de engano, uma exigência do impossível, perde um pensamento intelectual, racional, pelas suposições de vida eterna.

“O filósofo é o mais raro entre tudo o que é grande, porque o conhecer só chega ao homem como acréscimo e não como dom original. É por isso também que ele é o tipo superior do que é grande”. (NIETZSCHE, 2001, p. 43).

Quando Nietzsche (2002) fala dos filósofos mais raros entre tudo que é grande, é pela sua forma de ver a vida como ela é. O filósofo é voltado para o conhecimento de investigar, pensar, analisar, e não aceitar tudo. Mas eles têm um conhecimento claro, voltado para seu próprio bem e também da humanidade. Por eles serem homens dotados de saberes, eles são criticados pela sua sinceridade que trata as coisas, uma forma que mexe com as raízes do cristianismo. Porque o cristianismo usa o intelecto para a dissimulação da humanidade, faz parecer uma verdade, quando não passa de falsas idéias, mas sua transmissão de valor para o povo é tão convincedora que os fracos deixam - se dominar pela falsa ideologia cristã.

Na moral de Nietzsche trata-se apenas de ensinarmos-nos a realmente ser nós mesmos. “Fazer o que queres , a moral imanentista não possui outro mandamento, mas faz e o que queres aceita as conseqüências de teu ato e sobretudo não esqueças que este ato, repetí-lo-á, nas existências sucessivas, milhões e milhões de vezes”. (VICENTE, 2005, p. 4).

Nietzsche (2002) fala que devemos ser o que somos em nossos atos, e não deixar nossas ações virarem um peso em nossa consciência. Porque o super-homem é o único ser capaz de olhar de frente o seu retorno, também ver as coisas com realidade, e leva em consideração sua existência aqui na Terra, uma adoração incondicional à vida. Refuga a moral do pecado, porque destrói o homem que vive, neutralizando seus instintos naturais. O cristianismo apresenta um Deus que para eles é o sentido do universo. Para Nietzsche (2002), o sentido do universo é o

Amo o que trabalha e inventa para construir a morada do super-homem, e prepara para ele a terra e as plantas. Pois assim quer o seu declínio.

Amo o que ama a sua própria virtude, pois que a virtude é vontade de declínio e flecha do desejo.

Amo o que não guarda para si nem uma só gota de seu espírito, mas quer ser inteiramente o espírito de sua própria virtude. É dessa forma que ele, como espírito, atravessa a ponte.

Amo o que faz da virtude inclinação de destino, pois ele, por amor á sua virtude, quer viver ainda e não mais viver.

Amo o que não quer virtudes em demasia. Uma única virtude é mais virtude do que duas, pois ela é o nó mais forte onde se ata o destino.

Amo o que prodigaliza sua alma, e que, ao fazer isso, não visa á gratidão nem ao pagamento; pois sempre dá e nada quer em troca.

Amo o que se envergonha quando o dado cai a seu favor, e então pergunta: serei um trapaceiro?- pois é para sua ruína que ele quer se encaminhar.

Amo o que antecede com palavras de ouro os seus atos e sempre cumpre mais do que promete; pois ele quer o seu declínio.

Amo o que justifica os que serão e resgata os que foram; pois quer parecer por aqueles que são.

Amo aquele que pune seu Deus porque o ama; por quanto só poderá parecer pela cólera de seu Deus.

Amo o que, mesmo ferido, tem a alma profunda, e que um simples acaso pode fazer parecer. Assim, ele atravessa de bom grado a ponte.

Amo aquele cuja alma transborda e a tal ponto se esquece de si que todas as coisas nele encontram lugar. Assim, todas as coisas se tomam seu declínio.

Amo o que tem o espírito livre e livre o coração. Assim, sua cabeça não passa de vísceras para seu coração; mas o coração o empurra para o declínio.

Amo todos aqueles que são como pesadas gotas caindo uma da negra nuvem que paira sobre os homens; anunciam a chegada do raio e parecem como anunciadores.

Vede, sou o anunciador do raio, uma gota pesada dessa nuvem. Mas o raio se chama super-homem. (HÉBER, 1991, p. 18, 19).

Para Nietzsche (2002), os homens que têm um pensamento intelectual, e levam sua vida de forma natural, com uma estrutura de declínio, não se deixam ser subordinados a nenhuma ordem sacerdotal.

Segundo Nietzsche (2002), é preciso passar uma peneira na humanidade para obter por completo o automatismo de toda uma perfeição na arte de viver. Para que se possa adquirir subsídios que estejam colaborando para a construção de uma sociedade mais humana e realista, voltada para seu próprio eu, e também levando em consideração a formação de modo geral. Para que isso seja possível, é preciso que haja um conhecimento mais democrático que possa tornar possível a realização da sua função principal que é a de construir uma sociedade mais livre e justa.

Para Nietzsche (2002), os homens nobres não deixam ser enganados por uma suposição de algo que nós não sabemos, e nem conhecemos, devemos apreciar o nosso próprio instinto aqui na Terra, de forma que possamos andar em declínio com

superstição "(Aurora, afor. 9)". Medo gera não apenas a adesão à lei em um comportamento ordenado e interiormente submisso, mas provê ao desenvolvimento da sensibilidade e da inteligência . (ROVIGHI, 1980, p. 286 - 287).

Segundo Nietzsche (2002), a humanidade não pode deixar o medo de a superstição tomar conta da sua vida. Com isso o indivíduo passa a ser dominado por um ensinamento de mutilação causando uma neutralização dos seus pensamentos intelectuais. Para Nietzsche (Ibid., p. 55) o homem que não deixa ser dominado por falsas promessas, é considerado um intelectual em prol do seu próprio bem. É chamado homem virtuoso, nobre, capaz de dar um sentido para sua vida. Quando Nietzsche (2002) declarou que Deus estava morto, ele quis mostrar para a humanidade a falta de sentido que eles estavam dando para sua vida, com isso o povo foi percebendo o desvalor de um ensinamento falso, forjado, copiado, e um mutilador de negação da imagem do homem. Um valor novo que Nietzsche declarou contra o cristianismo.

Para Nietzsche (2002), o homem é algo que deve ser superado, e não ser dominado pelos falsos profetas. Primeiro, deve superar a si próprio, e não acreditar no além, mas acreditar na Terra. Uma realidade pura, que o homem pode ver e sentir.

"O super-homem é o sentido da Terra (...) Outrora, a inveja a Deus era a maior das ofensas, mas Deus está morto, e com Ele morreram seus detratores. O terrível, agora, é injuriar a Terra, pois seria dar mais valor as estranhas insondáveis que ao sentido da Terra!" (HÉBER, 1991, p. 56).

Nietzsche (2002) fala que os homens nobres não podem acreditar nas imagens de um mundo que não está ao seu alcance. Um mundo abstrato, onde cada um pode fazer de sua palavra a mais faminta das amarguras de sua vida, e transformando numa crueldade de todo um poder falsificado de verdade. Esses homens viviam na maior solidão, igual ao mar. Fecha para um conhecimento de escuridão. Os homens virtuosos são aqueles que não deixam ser afetados por uma falsa ideologia cristã.

Amo o que vive para conhecer, e quer conhecer para que um dia o super-homem viva quer assim o seu próprio declínio.

havendo um silêncio do seu criador. Mas Nietzsche fala que é possível transformar essa fraqueza da existência, numa existência de prosperidade para o indivíduo, torna-o livre de um Deus morto, faz uma nova existência de vida, voltada para qualquer desafio do conhecimento que é agora permitido. Quando Nietzsche (2002) anuncia uma nova liberdade da existência para o homem, ele quer mostrar que o mesmo não precisa ficar preso a um ensinamento negativo da moral. Pode ficar livre para buscar um conhecimento, que não era permitido aos homens, suas capacidades eram mutiladas, freadas, esse Deus passava a ser uma barreira para o indivíduo. Esse assunto abalou toda a estrutura do cristianismo, deixando seus fiéis numa barreira de dúvida.

Segundo Nietzsche (2002) o radical é a negação de todas as religiões primordiais, pessoas radiais são livres. O mesmo não podemos falar do cristianismo, pois também é inconciliável com o saber. Ele seria um transmissor da miséria, da imagem que é apresentada do homem de forma que nem podemos imaginar, ela é inimaginável. Também o cristianismo não é aconselhável como o saber, porque tudo que o cristianismo passa de sua doutrina vem de um Deus vingador, de culpa, que é eterno e que só ele tem razão. Isso tudo seria uma deficiência mental. O homem que se deixa dominar pelas pregações falsas do cristianismo, é considerado para Nietzsche um homem que não sabe contar até três. Deixa ser dominado por sua incapacidade de não perceber o engano que é o cristianismo, assim torna-se mutilado em sua ação intelectual.

Segundo Nietzsche (2002) há dois problemas: na psicologia, e também na potência. O cristianismo age com uma psicologia de transmitir o medo como guia de participar do sentir das pessoas, numa habilidade de mestre, pode adivinhar e ajudar a compreender as pessoas, é uma dissimulação de decadência para a humanidade. Onde o indivíduo deixa ser dominado, acredita nas mais perversas verdades. Esse medo destrói tudo e todos, e deixa os outros mutilados sem forças de agir.

A potência é a gaia ciência para assumir seu sentido em termos de história do mundo. No cristianismo também há uma grande potência de dominar as pessoas pelo medo. Uma forma de se sentir superior a tudo e a todos.

É o medo de uma inteligência superior que ordena, de uma indeterminada potência incompreensível, de algo mais que pessoal: neste medo há

## CAPÍTULO II

### OS HOMENS VIRTUOSOS

Para Nietzsche (2002) a inteligência não é neutra, o indivíduo precisa ter conhecimento que ele pode, e deve manifestar-se numa ação. Ação que protege a irregularidade da adesão do espiritualismo, acabando com os valores morais da religião. Segundo Nietzsche a vida não encontra sentido se não for pelos seus atos, e não por uma entidade que quer dominar uma humanidade. O homem precisa ficar livre dessa fé cristã, uma fé de angústia, que impede de agir, fazendo surgir uma presença de um incomunicável.

“Os cuidados da vida protegem os homens do cuidado de si mesmos, ou seja, no fundo, para Nietzsche, da angústia de existir”. (HUESMAN, 2001, p. 32).

Os homens evitam aqui, não é tanto sua existência, ou seja, a si mesmo, o que eles temem é a própria morte. Porque temer uma coisa que eles não têm conhecimento, não sabe se é bom ou ruim. Eles têm que cuidar de si mesmos, de sua existência, porque faz parte do seu mundo real. A morte passa a tornar-se uma fábula para os cristãos de interpretações sem sentidos. A fé de Nietzsche é uma fé nos homens. Segundo ele, Deus já não faz parte da nossa cultura. Esse Deus que Nietzsche fala é o Deus da moral, tornando-se um defunto da cultura moderna. Ao falar que Ele estava morto, o homem sentiu-se numa solidão absoluta, abrindo o caminho para o existencialismo. (HUESMAN, 2001)

A morte do Deus moral é também um caminho aberto à liberdade do pensamento, tema central do existencialismo. Se os valores morais eram: a máscara do medo dos homens em face de sua própria decadência e do silêncio de seu criador, o homem nietzschiano transformou esta fraqueza existencial em força existencial. (HUESMAN, 2001, p. 33).

Segundo Nietzsche (2002), surge agora um novo homem, pode exaltar sua capacidade de transformar o antigo negativismo da moral, numa consciência positiva voltada para novas expectativas de vida livre, sente-se iluminado por poder expressar sua real existência, despede-se de toda uma fé de um Deus cristão. Os homens dos valores morais transformam-se em escravos de sua própria existência,

cópias, só sabem reproduzir, e nunca produzir. Jesus, porém, foi ao contrário, criou o seu próprio ensinamento, causou olhares ambiciosos em seu ensinamento, fez com que se criassem algumas religiões de atraso para a humanidade, trouxe uma mutilação para os indivíduos. Para Nietzsche (Ibid., p. 45) todas as religiões são prejudiciais à vida, mas o cristianismo é a pior de todas. Achar que a salvação dos indivíduos está numa recompensa eterna, num mundo que eles não têm conhecimento, pois se tivessem, não passariam tantas dificuldades, resolveriam todos os seus problemas. Se os cristãos fossem soberanos como eles falam, não precisariam usurpar o lugar de Cristo, pois o mesmo não precisou usar o nome de ninguém. Por isso, Ele foi um homem de coragem, de humildade, e até hoje tentam imitá-lo.

Posto em lugar desta lastimável mentira, a realidade significa: certa espécie de homem parasita que não prospera senão a expensas de todas as formas sãs da vida, o sacerdote, abusa do nome de Deus; chama "reino de Deus" a um estado de sociedade no qual é Ele quem fixa os valores; chama "vontade de Deus" aos meios que emprega para alcançar ou manter tal situação. (Ibid., p. 60).

Esses sacerdotes usam das piores falsidades para manter seu poder, ao dizer que o homem está puro depois de fazer sacrifícios, jejuns, uma penitência que pode sentir-se salvo, segundo os sacerdotes; ultrapassando os limites da vida. Para Nietzsche eles não passam de um bando de parasitas, só querem manter uma sociedade sacerdotal organizada, sugando um valor do mundo intelectual.

Segundo Nietzsche (2002), o cristianismo é o pior de todos esses sacerdotes, porque usam os nomes deles como forma de mensageiros de Jesus. Jesus foi um homem que amou a si próprio, não deixando ser dominado por imitação, por poder. Com isso suas atitudes eram de uma natureza livre e voltada para o intelectual.

modo geral. A bravura de Nietzsche, ao mexer com o cristianismo, uma formação cristã poderosa, foi imensa, mas ele foi um filósofo que não amedrontaria se tivesse que viver assim eternamente, dá o máximo de amor à vida, sem exigir dela o que ela não é.

Para Nietzsche (2002), a religião fez da vida uma mutilação de todo seu sentido de viver, a religião quer passar um ensinamento, uma forma de agradecimento de si mesma, havendo a necessidade de um Deus. Esse Deus pode servir, mas também pode prejudicar, tornando uma sensação de poder, de sabedoria absoluta, domina uma humanidade, faz dela a mais pobre de toda a decadência humana.

A castração desse Deus antinatural, seria converter esse Deus unicamente do bem, mas esse Deus é totalmente indesejável, porque mexe com a estrutura do cristianismo. Com isso os teólogos vão perdendo seus ensinamentos de imaginação, onde tudo não passa de um comércio entre os seres imaginários. Um Deus que é representado em forma de comércio, não pode ser chamado de Deus, pois ele é uma valorização dos nossos atos, e não um desvalor que vem da cólera, da vingança, da inveja, do engano, da astúcia, e da violência.

Um tal Deus não se compreenderia; então para que o ter? Sem dúvida, quando um povo parece; quando sente desaparecer para sempre a sua fé no futuro, a sua esperança na liberdade; quando a submissão lhe parece ser necessária; quando as virtudes dos servos entram na sua consciência como imperativos de sobrevivência, então é preciso também que o seu Deus se transforme. Toma-se hipócrita, medroso, humilde; aconselha a "paz de alma" a ausência do ódio, o respeito, até o "amor" tanto para os amigos, como para os inimigos. Não faz mais do que moralizar; insinua-se em cada virtude privada; torna-se o Deus de cada homem; particulariza-se, torna-se cosmopolita... Em outros tempos, ele representava um povo, a força de um povo, tudo o que na alma um povo existe de agressivo e sedento de poder; a partir de agora ele nada mais será que o bom Deus... De fato, não há para os deuses outra alternativa: ou são a vontade de poder- e enquanto o forem serão deuses de um povo – ou são a impotência do poder – e então torna-se forçosamente, bons. (NIETZSCHE, 2002, p. 50).

Segundo Nietzsche (2002), o cristianismo foi um transmissor de vários nomes de profetas, novos representantes de Jesus, um ensinamento forjado, de imitação, que não tem nada a ver com ensinamento de Jesus... Os profetas falsos foram muitos: Messias, João Batista, Paulo e outros. Criaram um novo ensinamento em cima do ensinamento de Jesus, um bando de impotentes, eles só sabem fazer

moral, uma virtude, uma santidade, transformando-se uma má visão na condição necessária a uma boa consciência e após esta ter-se tornado sacrossanta, sobe os nomes Deus de "salvação", de "eternidade", já não se aceita que uma outra óptica possa ter valor. Continuei por toda a parte a esbarrar com o instinto teológico: é a mais divulgada forma da falsidade que existe na Terra, a sua forma, para falarmos com propriedade, verdadeiramente soberana. O que um teólogo considerar como verdadeiro deve ser falso: é quase um critério de verdade. É o seu mais baixo instinto de conservação que o proíbe de honrar a verdade, ou sequer conceder-lhe a palavra seja sobre que assunto for. Aonde chegar a influência teológica, estão pervertidas as avaliações e forçosamente invertidos "verdadeiro" e "falso": "verdadeiro" será, neste caso, aquilo que é mais prejudicial à vida; "falso" será tudo quanto a eleva, realça, afirma, justifica e conduz ao triunfo... Quando sucede que os teólogos, através da "consciência" dos príncipes (o dos povos), estendem as mãos para o poder, não duvidemos do que realmente acontece: a vontade do fim, a vontade niilista, aspira ao poder... (NIETZSCHE, 2002, p. 43.)

Para Nietzsche (Ibidem, p. 44) o modo que os integrantes do cristianismo pregam a vida como se a eternidade fosse absoluta, onde o indivíduo passa a viver um mundo desconhecido, e cheio de ilusões, também idealiza uma ideologia que acaba anulando todo sentido de sua vida. Nietzsche critica os homens quando falam das verdades em um mundo que está além de sua visão, um mundo de imitação, de reprodução, de cópias, tornando-se uma escuridão absoluta para o cristianismo. Zarathustra fala para seus irmãos que criou um Deus, e que esse Deus era uma obra louca de sua invenção, como todos os outros deuses.

Ele disse que todos os deuses são sobrenaturais. E aqueles que pregam o mundo sobrenatural são "pregadores da morte", porque "todos os deuses estão mortos". Contra todos os espiritualismos, ele proclama a morte de Deus. (REALE; ANTISERI, 1991, p. 431- 422).

Com isso o cristianismo passa a ser um vício, onde tudo é maléfico, só destruição da humanidade que está contaminada de uma paixão cristã doentia, uma transvalorização de todos os valores. Nietzsche faz uma declaração no seu modo de pensar, algo de grande valor que devemos anunciar: Nietzsche será fiel à Terra, age de modo natural, não deixa ser dominado pelos sobrenaturais, que contaminam a Terra. Seja de modo consciente ou inconsciente, a humanidade é prejudicada de

deste tipo e desses instintos desligou o mal, o negativo – o homem forte como tipo censurável, como proscrito. O cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, baixo, incapaz, e transformou em um ideal a oposição aos instintos de conservação saudável; e até corrompeu a faculdade daquelas naturezas intelectualmente poderosas, ensina que os valores superiores do intelecto não passam de pecados, desvios e tentações. O mais lamentável é a concepção; julgava estar a sua razão corrompida pelo pecado original; estava corrompido sim, mas apenas pelo seu cristianismo. (NIETZSCHE, 2002, p. 40).

Para Nietzsche (2002), corruptos são todos aqueles que desprezam a sua origem, pode ser um animal, ou um indivíduo, ou uma espécie, deixa de lado sua originalidade para seguir uma ideologia de decadência, causa uma impossibilidade de agir pela suas forças naturais, torna-se um indivíduo fraco que corrompeu todas as suas origens de valor absoluto, havendo uma degeneração da humanidade. Chamar piedade de uma virtude, quando na verdade é uma fraqueza do indivíduo, um valor de decadência.

Nietzsche fala que todos aqueles que têm o sangue teológico são uma verdadeira declaração de guerra para a humanidade. Ele fala desse assunto com um conhecimento de total segurança, pois já viveu esse episódio, ninguém melhor que Nietzsche para falar desse assunto tão revolucionário para o cristianismo. Os teólogos se consideram idealistas, superiores a todas as realidades. Na verdade são espíritos que causam um desvalor para a humanidade, faz da vida um horror, o pior dos vícios. O que seria um puro espírito, não passa de uma mentira, quando fala que Deus é a salvação da eternidade. Para Nietzsche como pode falar os teólogos de uma coisa que não têm conhecimento, uma falsidade tão grande que impregnou a Terra. Segundo Nietzsche (2002), tudo que eles falam de verdadeiro, na verdade é falso, e tudo que é falso para teólogos, é uma verdade para Nietzsche; uma verdade de triunfo, que dá um sentido para a vida dos indivíduos.

É contra este instinto teológico que move guerra; toda parte encontrei vestígios dele! Todo aquele em cujas veias corre sangue de teólogo fica desde logo numa posição falsa perante tudo e todos, numa posição que carece de dignidade. Ao pthos que dele emana dá-se o nome de fé; fechar os olhos perante si mesmo, definitivamente, a fim de evitar o sofrimento que o aspecto de uma falsidade incurável provoca. Desta óptica falseada, a tudo aplicada, extrai-se intimamente uma

## CAPÍTULO I

### GUERRA AO CRISTIANISMO

O cristianismo tem se mostrado um grande arrebatador para a sociedade desde a época antiga até os dias atuais, torna-se uma falta de sentido absoluto para a vida. Nietzsche critica todas as religiões, mas o cristianismo é um transmissor de ilusões onde o indivíduo passa a viver através de cópias.

Na antigüidade Cristo foi vitorioso, pela sua simplicidade de ver a vida como ela é, com um olhar autêntico de um verdadeiro Cristo, ele foi questionador, um homem de determinação, que mexeu com as doutrinas farisaicas. Segundo Nietzsche, só existe um autêntico Cristo: o próprio Cristo. Por isso que ele foi crucificado, sua intenção não era de formar nenhuma Igreja institucional. Isto sim, é uma verdadeira história das civilizações antigas. O mesmo não se pode afirmar de Paulo. Este, fez de tudo para que o cristianismo se institucionalizasse. Com isso Paulo criou uma nova concepção de Deus. Por isso o cristianismo logo veio a recuar. Quando Nietzsche anunciou a morte de Deus, ele realizou profundos ataques contra o cristianismo causando uma verdadeira guerra, e sua vitória logo veio sobre o mundo antigo, quando disse que o autêntico Cristo; é o mesmo. Sua concepção grega dos homens que envenenaram a humanidade, também provocou uma polêmica quando mexeu nas raízes da moral tradicional. Moral que vem dos fracos, dos vencidos contra tudo que é nobre, essa é uma moral dos escravos, dos cegos. Segundo Nietzsche a humanidade não representa uma revolução para algo melhor, pelo contrário o cristianismo é para ele uma religião de piedade que faz do indivíduo um deprimente, fraco nas paixões, no modo de agir, deixa seus sentimentos serem controlados por piedade, contagia a sua vida de sacrifício, e também da energia vital, impede a magnitude e as leis da evolução intelectual.

Essa falsificação do cristianismo causou uma revolução na história da religião cristã, havendo uma grande perda nos últimos tempos dos seus seguidores cristãos, e cada vez mais o cristianismo encontra-se desestruturado.

Não se deve embelezar nem desculpar o cristianismo; ele travou uma guerra de morte contra este tipo de homem superior, renegou todos os instintos fundamentais

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta monografia é analisar a crítica nietzscheana ao cristianismo. Friedrich Nietzsche, filósofo alemão, nasceu no dia 15 de outubro de 1844, e morreu no dia 25 de agosto de 1900. Estudou Teologia, Filologia clássica, foi nomeado professor de Filologia clássica na universidade da Basileia.

Esta monografia será desenvolvida da seguinte forma: primeiro capítulo: guerra ao cristianismo. Uma falsificação entre as religiões, uma falsa ideologia cristã, causando uma transmutação de todos os valores. Uma forma que os cristãos vêem a vida eterna sem sofrimento, com uma forma de opinião sem fundamento preciso. Se não sabemos, e vivemos só de suposições, se são falsas com a necessidade de serem refluídas. Uma autêntica declaração de guerra, onde impede as naturezas intelectuais. Nietzsche não critica a moral de Jesus, mas sim a moral cristã tradicional, que subordina o homem com uma ideologia falsa, dizendo que sua recompensa é eterna. Nietzsche quer mostrar que devemos criar a vontade de estender-se, desenvolver-se a vontade da nossa própria potência, em benefício a nossa vida. Segundo Nietzsche a humanidade não representa uma revolução para algo melhor, pelo contrário o cristianismo é para ele uma religião de piedade que faz do indivíduo um deprimido, fraco nas paixões, no modo de agir, deixando seus sentimentos serem controlados por piedade, contagiando a sua vida de sacrifício, e também da energia vital, impedindo a magnitude e as leis da evolução intelectual.

Segundo capítulo: O Super-homem. Segundo Nietzsche é preciso passar uma peneira na humanidade para obter por completo o automatismo de toda uma perfeição na arte de viver. Para que se possa adquirir subsídios que estejam colaborando para a construção de uma sociedade mais humana e realista, voltada para seu próprio eu, e também leva em consideração a formação de modo geral. Para que isso seja possível, é preciso que haja um conhecimento mais democrático que possa tornar possível a realização da sua função principal que é a de construir uma sociedade mais livre e justa.

## SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo I	
Guerra ao Cristianismo.....	8
Capítulo II	
Os Homens Virtuosos.....	13
Conclusão.....	21
Referências Bibliográficas.....	22

salvação dos indivíduos está numa recompensa eterna, num mundo que eles não têm conhecimento, pois se tivessem, não passariam tantas dificuldades, resolveriam todos os seus problemas. Se os cristãos fossem soberanos como eles falam, não precisariam usurpar o lugar de Cristo, pois o mesmo não precisou usar o nome de ninguém. Por isso, ele foi um homem de coragem, de humildade, e até hoje tentam imitá-lo.

**Palavras-chave:** Cristianismo; Deus; Religiões; Existência.

## RESUMO

Neste resumo da monografia estão algumas críticas de Nietzsche sobre o cristianismo. Também algumas palavras que foram citadas no texto.

O cristianismo tem se mostrado um grande arrebatador para a sociedade desde a época antiga até os dias atuais, tornando-se uma falta de sentido absoluto à vida.

Nietzsche critica a forma que o cristianismo manipula as pessoas, faz com que elas fiquem à adesão de sua profecia, acredita que sua salvação é eterna, neutraliza o pensamento intelectual do indivíduo, como se os cristãos tivessem que viver da recompensa para alcançar o mundo eterno, e que tudo aqui na Terra não tivesse sentido. Nietzsche com suas experiências de teólogo, pôde ver de perto os erros que eram cometidos pelos teólogos.

Nietzsche foi original e positivo em suas palavras quando afirmou que nós somos livres em nossos atos, só devemos suportá-los.

Pelo contrário, Nietzsche fala que devemos valorizar a Terra, com isso nossa vida passa a ter sentido, e não acreditar nas coisas sobrenaturais.

Para Nietzsche, corruptos são todos aqueles que desprezam a sua origem, pode ser um animal, ou um indivíduo, ou uma espécie, deixa de lado sua originalidade para seguir uma ideologia de decadência, causa uma impossibilidade de agir pelas suas forças naturais, torna-se um indivíduo fraco que corrompeu todas as suas origens de valor absoluto, havendo uma degeneração da humanidade.

A castração desse Deus antinatural, seria converter esse Deus unicamente do bem, mas esse Deus é totalmente indesejável, porque mexe com a estrutura do cristianismo.

Os profetas falsos foram muitos: Messias, João Batista, Paulo e outros. Criaram um novo ensinamento em cima do ensinamento de Jesus, um bando de impotentes, eles só sabem fazer cópias, só sabem reproduzir, e nunca produzir. Jesus, porém, foi ao contrário, criou o seu próprio ensinamento, causou olhares ambiciosos em seu ensinamento, faz com que se criassem algumas religiões de atraso para a humanidade, trouxe uma mutilação para os indivíduos. Para Nietzsche todas as religiões são prejudiciais à vida, mas o cristianismo é a pior de todas. Achar que a

**SILÉZIA FERREIRA SOARES**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA**

**Monografia apresentada no dia 22 de Junho de 2006, como parte das  
exigências do Curso de Filosofia.**

**José João Neves L. B. Vicente**  
**Orientador**

SILÉZIA FERREIRA SOARES



## A CRÍTICA DE NIETZSCHE AO CRISTIANISMO

Monografia apresentada à FACER – Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Filosofia, sob a Orientação do Professor Ms. José João Neves L. B. Vicente.

30795  
soeri

Tombo nº	12598
Classif.:	.....
Ex.:	1
.....	.....
.....	.....
Origem:	d
Data:	29.11.07

RUBIATABA – GO

2006